



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIELE DE VASCONCELOS CESÁRIO

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA PSICOPATIA

**CAMPINA GRANDE
2019**

GABRIELE DE VASCONCELOS CESÁRIO

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA PSICOPATIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Profa. Ma. Lorena Bandeira de Melo.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C422a Cesário, Gabriele de Vasconcelos.
Uma análise fenomenológico-existencial da psicopatia
[manuscrito] / Gabriele de Vasconcelos Cesario. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Lorena Bandeira de Melo ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Psicopatia. 2. Fenomenologia existencial. 3. Transtornos
de Personalidade. 4. Psicopatologia. I. Título
21. ed. CDD 150

GABRIELE DE VASCONCELOS CESÁRIO

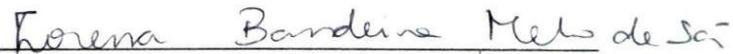
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA PSICOPATIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

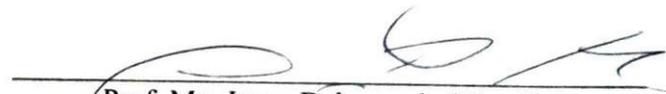
Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 05/12/2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Lorena Bandeira de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jorge Delanne da Silva Britto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Laercia Maria Bertulina de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais e irmão, Patrícia, Marcos e Gabriel, pelo amor e dedicação, pela paciência e apoio, ao me ajudar a passar pelos momentos difíceis e me inspirarem a buscar sempre os meus objetivos e nunca desistir, DEDICO.

Ele coloca os óculos que utilizou enquanto matava uma de suas vítimas e sorrindo pergunta: “você entraria no carro com esse homem?” (KEMPER III, Edmund E.).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
PCL - R	Psychopath Checklist-Revised.
TP	Transtornos de Personalidade
TPA	Transtorno de Personalidade Antissocial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1	Personalidade	8
2.2	Transtornos de Personalidade	9
2.3	Debate conceitual	10
2.4	CrITÉrios, características ou sintomas	12
2.4.1	<i>A máscara da sanidade</i>	12
2.4.2	<i>Psychopathy Checklist (PCL-R)</i>	13
2.4.3	<i>Associação Americana de Psiquiatria (DSM)</i>	13
2.4.4	<i>Organização Mundial de Saúde (CID)</i>	15
2.5	CARACTERÍSTICAS ANÁLOGAS	15
2.6	DILEMAS TEÓRICOS	16
2.7	FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	16
2.7.1	<i>Fenomenologia</i>	16
2.7.2	<i>Existencialismo</i>	18
2.7.3	<i>Fenomenologia & Existencialismo</i>	18
3	DISCUSSÃO	18
4	CONCLUSÃO	20
	REFERÊNCIAS	21

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA PSICOPATIA

AN PHENOMENOLOGICAL EXISTENTIAL ANALYSIS OF PSYCHOPATHY

Gabriele de Vasconcelos Cesário*

RESUMO

A personalidade tem sido investigada desde os primórdios por pensadores que buscam explicações acerca da condição humana. Assim como os transtornos que atingem toda sua estrutura afetando as diversas áreas da vida do indivíduo. Do mesmo modo a psicopatia tem sido alvo de grande interesse por parte desses estudiosos que consideram a síndrome tão perigosa quanto instigante. Com efeito, diversas foram as teorias construídas afim de trazer respostas e nunca se obteve um consenso e os debates permanecem. O presente estudo objetivou a apresentação de um apanhado geral sobre a personalidade, os transtornos que a atingem e mais especificamente sobre a psicopatia e suas variações. Em seguida propôs-se uma análise do construto a partir da visão fenomenológico-existencial com o intuito de provocar debates e reforçar a necessidade de novas pesquisas e investigações sobre o tema. Constatou-se que a fenomenologia existencial possui uma visão bem singular do homem e utiliza-se um método que tenta ser fiel a essa singularidade.

Palavras-chave: Psicopatia. Fenomenologia existencial. Transtornos de Personalidade. Psicopatologia.

ABSTRACT

Personality has been investigated since the beginning by thinkers who seek explanations of human existence. As well as disorders that affect their entire structure affecting many areas of an individual's life. In the same way, psychopathy has been of great interest to those scholars who consider it as dangerous as it is thought-provoking. In fact, several theories were built after with the desire of obtaining answers and never obtained a consensus and the debates proceed. The present study aimed to present a general overview of personality, the disorders that affect the personality and more specifically about psychopathy and alterations. Then, we propose a analysis from the existential-phenomenological view in order to provoke debates and reinforce the need for new research and investigations on the subject. It has been found that existential phenomenology has a very unique view of human and uses a method that tries to be loyal to this uniqueness.

Keywords: Psychopathy. Existential Phenomenology. Personality Disorders, Psychopatology.

*gabrielevaccario@gmail.com, concluinte do 10º período do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e graduanda do curso de Direito da UNIFACISA (PB).

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história várias teorias surgiram na tentativa de explicar a condição humana, os teóricos misturam sua vivência com estudos e pesquisas criando diversas visões de homem, proporcionando múltiplos ideais a serem analisados e debatidos em busca de respostas. As teorias da personalidade cumprem então esse papel de se propor a investigar e explicar o homem. Um dos aspectos da personalidade que mais atraem o interesse dos estudiosos é o das patologias que a atingem. Conhecidas como transtornos de personalidade, envolvem sintomas presentes durante um considerável período de tempo e afetam todas ou quase todas as áreas da vida do sujeito. A psicopatia é um desses transtornos, sendo também um dos que mais chamam a atenção não só dos profissionais da área, mas da população em geral.

Psicopatia é uma palavra que desperta a curiosidade de muitos, e embora já se tenha uma quantidade considerável de estudos sobre esse construto, ainda existem debates acerca de vários fatores, inclusive a própria nomenclatura e conceituação.

A investigação da síndrome psicopática se justifica por ser considerada, em sua essência, um problema social. Isso ocorre, pois apesar de não ser sinônimo ou determinante de comportamento criminoso, Staenleinheim e von Knorring afirmam que existe uma grande associação entre a personalidade psicopática e problemas forenses. Percebe-se claramente essa relação ao observar as taxas de prevalência desse transtorno que na população mundial consiste em 1%, mas nas populações prisionais o valor aumenta para cerca de 20%. Além disso, seus crimes são mais graves e a taxa de reincidência também é bem mais elevada do que a dos criminosos “comuns” (Neto & Cordás, 2011).

O reconhecido especialista na área, Robert D. Hare (2013), mostra o porque é importante se preocupar com o estudo desses indivíduos. Segundo ele, a personalidade egocêntrica, fria, sem remorso ou empatia em conjunto com uma aparente falta de controle interno são a fórmula perfeita para suas ações entrarem em conflito com a sociedade.

Com isto, o presente estudo teve como objetivo apresentar, através de uma revisão sistemática de literatura, os principais conceitos relacionados a psicopatia, analisar este construto a luz da fenomenologia e do existencialismo explorando uma nova visão acerca do tema e promovendo debates necessários para a evolução da compreensão do mesmo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Personalidade

Embora a personalidade possa ser considerada elemento fundamental para o estudo da psique humana, segundo Fadiman e Frager (2008) “antes de Freud e dos outros grandes pensadores da personalidade, não havia, no ocidente, grande interesse pelas teorias da personalidade”. Tal desinteresse trouxe, de acordo com Schultz & Schultz (2015), pouca atenção a tal construto por parte dos psicólogos. Ainda para tais autores, a psicologia teria surgido no século XIX como uma ciência basicamente experimental, concentrando-se apenas naquilo que poderia ser manipulado e controlado. Essa visão “contaminada” pelas ciências naturais acabou por limitar o estudo da psicologia ao método meramente experimental, afastando-a de vários fenômenos essencialmente humanos, dentre eles a personalidade.

O interesse pelo estudo específico da personalidade surgiu a partir dos estudos realizados pelo médico neurologista Sigmund Freud, que segundo Robert, Feist & Feist (2015) teria combinado especulações filosóficas com um método científico primitivo ao ouvir seus pacientes e desenvolver a considerada como primeira grande teoria da personalidade que

buscou explicar a condição humana para todos. A partir dessa conjuntura histórica Hall, Lindzey e Campbell (2007) afirmaram:

Os teóricos da personalidade foram rebeldes em sua época: rebeldes na medicina e na ciência experimental, rebeldes contra idéias convencionais e práticas usuais, rebeldes contra métodos típicos e técnicas de pesquisa respeitadas e, acima de tudo, rebeldes contra a teoria aceita e os problemas normativos. (p.28).

Desta forma, os estudiosos deste construto buscavam investigar o ser humano em sua totalidade, sem as limitações impostas pelos métodos utilizados nas antigas ciências. Para eles, a segmentação e afastamento do contexto em que o indivíduo se apresentava, não seriam fiéis e suficientes na compreensão do homem em toda sua complexidade.

Ao analisar esse cenário é fácil concluir porque os estudiosos da personalidade “desenvolvem teorias que são multidimensionais e mais complexas do que as da psicologia geral” (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2007, p.31). Cada um deles abordou definições, enfoques e explicações bastante diversificados para este campo de estudo e a partir de suas teorias tentaram mostrar que se estamos estudando indivíduos “queremos descobrir o quê eles são, como eles se tornaram daquela forma, e por que eles se comportam de uma certa maneira” (PERVIN e JOHN, 2008).

Nesse sentido, não se chegou a um conceito único de personalidade, visto que cada abordagem apresentou diferentes enfoques do construto. No entanto (NETO e CORDÁS, 2011, p.15) afirmaram que “a personalidade como um conjunto de características relativamente estáveis de cada indivíduo” seria o conceito mais antigo para o termo.

2.2 Transtornos de Personalidade

A necessidade de classificação de doenças se constrói continuamente na história da humanidade, o surgimento da Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID) é resultado dessa construção. Houveram diversas modificações durante os anos e as doenças mentais só apareceram na revisão da 6ª edição da classificação, permanecendo até hoje. Já o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, construído pela American Psychiatric Association (APA) surgiu em 1952, com o objetivo de definir nomenclaturas comuns e critérios diagnósticos padronizados estabelecendo uma classificação mais consistente das doenças mentais facilitando tanto o diagnóstico clínico quanto a pesquisa na área (HUTZ, 2018).

Portanto, de acordo com Neto & Cordás (2011), foi no século XIX que as tentativas de classificação dos transtornos mentais e de comportamento se iniciaram. Estes autores afirmaram então que os transtornos específicos da personalidade (TP) eram, em um primeiro momento, associados a criminalidade e posteriormente é que se tornaram uma variação patológica da personalidade tida como “normal”.

Atualmente o DSM em sua 5ª edição conceitua os TP's como “um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é difuso e inflexível, começa na adolescência ou no início da fase adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento ou prejuízo”. Skodol (2018) declara que cerca de 10% da população geral e metade dos pacientes psiquiátricos apresentam transtorno de personalidade. Além disso, os níveis de hereditariedade de tais transtornos são de cerca de 50%, assemelhando-se a muitos outros transtornos psiquiátricos maiores.

Mazer, Macedo e Juruena (2017) explicam que é comum pessoas com TP possuírem um repertório limitado de emoções, atitudes e comportamentos, com respostas desadaptativas a situações cotidianas causando assim sofrimento e/ou prejuízos a si e/ou aos outros.

Apesar dos avanços acerca dos TP's, ainda existem vários mistérios, principalmente concernentes à sua origem, como afirma Hutz (2018):

...em termos de transtornos mentais e, mais especificamente, dos TP's, não existem marcadores biológicos precisos que indiquem a presença ou a ausência de um dado diagnóstico. Na falta desses marcadores biológicos, foram propostos conjuntos de comportamentos, sinais, sintomas e traços como indicadores de determinados transtornos mentais. Assim, a presença de uma quantidade previamente estabelecida desses indicadores subsidia a decisão do clínico em dar um diagnóstico de um ou mais transtornos mentais. (p.284)

Durante as revisões dos instrumentos supracitados houveram diversas atualizações concernentes aos TP's, como a exclusão ou adição de determinados transtornos, alteração dos critérios, dentre outras mudanças significativas. A mais recente edição do DSM (V) apresenta, em sua Seção II (critérios diagnósticos e códigos atualizados) 10 (dez) tipos de transtornos de personalidade e divide-os em 3 (três) grupos (A, B, e C), com base nas semelhanças em suas características. Para o manual os TP's consistem basicamente em problemas de autoidentidade e funcionamento interpessoal. O DSM-V, trouxe além da classificação original um modelo alternativo considerado "híbrido", abordando a avaliação das características da personalidade de forma dimensional, e o diagnóstico de forma categórica (HUTZ, 2018). Nesse novo modelo existem 6 (seis) tipos de TP's avaliados de acordo com 5 (cinco) critérios presentes na Seção III, listados a seguir:

1.Critério A – envolve prejuízos do funcionamento do *self* (da noção de si mesmo, da própria identidade e de autodirecionamento) e da relação interpessoal (empatia e intimidade) que acompanhariam cada transtorno; 2.Critério B – é uma constelação dos traços patológicos de personalidade descritos em cada do transtorno; 3.Critério C – refere-se à estabilidade com o tempo e situações; 4.Critério D – relacionado à identificação de características de personalidade culturais ou desenvolvimentais normativas da patologia clínica; 5.Critério E, F e G – buscam eliminar causas médicas ou relacionadas ao uso de substâncias, a um estágio do desenvolvimento (p. ex., velhice) ou ao ambiente sociocultural. (p.646-647).

Diversos estudiosos da área compreendem os TP's como versões extremas das personalidade tidas como "normais" ou saudáveis (Barlow & Durand, 2016). Logo, apenas aquelas manifestações extremas de determinados traços seriam consideradas patológicas (Neto & Cordás, 2011). Esta teoria é explicada por Dutton (2018): "Longe de ser uma questão de preto no branco — você é ou não psicopata —, existem zonas internas e externas de transtorno". Então a questão fundamental não está na presença ou não dos atributos psicopáticos, encontra-se na verdade em seus níveis e na maneira como eles são combinados.

2.3 Debate conceitual

Transtorno de personalidade antissocial, transtorno de personalidade dissocial, transtorno de personalidade associal, psicopatia e sociopatia são termos que frequentemente se misturam ao se referir a um determinado tipo de pessoa que apresenta comportamentos extremamente específicos que serão trabalhados mais adiante.

De acordo com Kevin Dutton (2018) em 1801 o médico francês Philippe Pinel descreveu a síndrome do "louco sem ser louco", que não apenas era caracterizada pela ausência de remorso por suas ações, como também seus "portadores" pareciam perfeitamente sãos. Dutton (2018) também menciona o médico Benjamin Rush estudaniense que no início do século XIX, relatou comportamentos repugnantes em pessoas com processos mentais imperturbáveis, ou seja, em perfeito juízo.

Em 1876 Cesare Lombroso, o pai da criminologia, apresentou em sua obra “O homem delinquente” a figura do que chamou de “criminoso nato”. Através de uma investigação antropométrica e fisiológica o autor afirmou que fatores biológicos evidenciavam que determinadas pessoas estariam destinadas a prática de crimes. Ou seja, a carga genética do homem era aspecto determinante e a liberdade humana não existia. Em contraposição a este pensamento Enrico Ferri entendia o crime como fenômeno social (GONZAGA, 2018).

Os estudos de Hervey Cleckley, psiquiatra americano, compilados no livro “A máscara da sanidade” de 1941 (com atualizações até os anos 80) foram um marco importantíssimo na compreensão desse fenômeno. A obra aponta que durante determinado período a crença dominante era a de que comportamentos anormais eram causados por possessão demoníaca ou influência de bruxas, e algum tempo depois tornou-se comum a presunção de que todas ou quase todas as desordens mentais resultavam de uma má genética. Já o termo “psicopata” teria sido utilizado durante algum tempo em referência aqueles sujeitos livres de psicoses e neuroses, no entanto a definição de psicopatia nos dicionários de medicina ainda não eram consistentes (e não são até os dias atuais). O psiquiatra também afirma que em 1952 é que o termo “personalidade psicopata” teria sido oficialmente substituído por “personalidade sociopata” e partir daí “sociopata” passa a ser utilizado juntamente com “psicopata” de forma informal ao se referir aos portadores dessa síndrome. Já a denominação “Transtorno de Personalidade Antissocial”, hoje adotada pelo DSM-V (APA, 2014) apareceu em 1968 substituindo o termo anterior, porém na época em questão, tal diagnóstico incluía uma variedade de condições remanescentes que não se encaixavam nos demais critérios, ou seja, tudo que não era neurose ou psicose.

Além do apanhado histórico acerca do tema, Cleckley trouxe uma das descrições mais minuciosas da psicopatia utilizada até os dias de hoje. Neto & Cordás (2011) declaram que tais características, apontadas por Cleckley serviram como base para as definições e critérios presentes no DSM-IV e CID-10. A partir de seus pressupostos construiu-se uma visão bem mais ampla desse construto que ainda possui tantos mistérios, mas que se tornou bem mais compreensível após os trabalhos deste estudioso pioneiro no desbravamento dos recônditos mais obscuros da personalidade humana. Em item posterior suas ideias serão melhor apresentadas.

Robert D. Hare, psicólogo canadense, assumiu o posto de especialista após seguir as descobertas de Cleckley e se dedicar a pesquisa da origem da psicopatia. Segundo Hare (2013), o termo “sociopatia” é utilizado ou com o objetivo de diferenciar o construto das psicoses, ou por especialistas que acreditam ser os aspectos sociais e contextuais que forjam a síndrome.

Desta forma, ainda percebe-se um embate concernente às terminologias e conceituações. Em referência a essa discussão Beck (2015) pontua:

Atualmente, existem três conceituações reconhecidas do construto antissocial: transtorno da personalidade antissocial (TPAS), como descrito no DSM-5 (*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, quinta edição*; American Psychiatric Association, 2013); o transtorno da personalidade dissocial, como na CID-10 (*Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*; World Health Organization, 1992); e psicopatia, como formalizada por Hare na escala PCL-R (*Psychopathy Checklist—Revised*; Hare, 2003). Um enigma para os terapeutas é que essas conceituações se sobrepõem, mas não são idênticas, enfatizando diferentes agrupamentos de sintomas. (p.286).

Portanto, são três conceituações que supostamente possuem o mesmo significado, no entanto há divergências. Os critérios para o diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial consistem basicamente em uma lista de comportamentos criminosos, visto que tais comportamentos poderiam ser avaliados de forma mais confiável do que traços ainda pouco

conhecidos da personalidade antissocial. Enquanto que para transtorno da personalidade dissocial os critérios são menos voltados para a conduta criminosa ao incluir sinais cognitivos, afetivos e interpessoais. Já a PCL-R, “Psychopathy Checklist” (Avaliação de Psicopatia), apresenta um quadro da personalidade psicopata com 20 itens, servindo como instrumentos de avaliação onde resultados elevados indicam a presença de psicopatia.

A partir disto, Hare (2013) enfatiza em uma de suas obras, “Sem consciência”, que a maioria dos criminosos não é psicopata, portanto o construto avaliado pelos critérios trazidos nos DSM-III e IV não se confunde com a psicopatia, avaliada através do instrumento criado por ele, reconhecido mundialmente. Contrastando com as versões anteriores o DSM-V (APA, 2014), de acordo com Barlow & Durand (2016) buscou aproximar os critérios baseados nos traços de personalidade ao invés de apenas no comportamento criminoso e inseriu alguns com a mesma linguagem da PCL-R de Hare.

Apesar da opinião contrária de vários teóricos, a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014) considera a psicopatia, a sociopatia e o TPA sinônimos. O trabalho em questão também trata todos como sinônimos, por entender que ao tentar abordar o mesmo construto de formas diversas e para objetivos diferentes o resultado foi algumas discrepâncias de uma mesma condição.

2.4 CRITÉRIOS, CARACTERÍSTICAS OU SINTOMAS

No tópico anterior explanou-se de forma breve acerca do histórico e das discussões relacionadas às terminologias e conceitualizações do construto. A seguir será feita uma exposição dos critérios, sintomas e características de cada um dos conceitos citados anteriormente.

2.4.1 A máscara da sanidade

O psiquiatra Hervey Cleckley identificou 16 características principais, consideradas traços da personalidade psicopática, após passar grande parte de sua carreira trabalhando com o construto (Barlow & Durand, 2016).

Tais características estão listadas e detalhadas na parte III de seu livro “A Máscara da Sanidade” (CLECKLEY, 1988) denominada de “Perfil Clínico”:

1. Charme superficial e boa “inteligência”;
2. Ausência de delírios e outros sinais de pensamentos irracionais;
3. Ausência de manifestações neuróticas ou psicóticas;
4. Não confiável;
5. Mentiras e ausência de sinceridade;
6. Falta de remorso ou vergonha;
7. Comportamento antissocial inadequado;
8. Julgamento pobre e falta de capacidade de aprender com as experiências;
9. Egocentrismo patológico e incapacidade para amar;
10. Pobreza nas reações afetivas em geral;
11. Perda específica da intuição;
12. Indiferença geral nos relacionamentos interpessoais;
13. Comportamento exagerado e pouco convidativo, com ou sem bebida;
14. Ameaças de suicídio raramente cumpridas;
15. Vida sexual impessoal, trivial, e pouco integrada;
16. Falha em seguir qualquer plano de vida.

Após a enumeração dessas características, o autor explica cada uma sem se utilizar de nenhuma teoria psicopatológica específica e ainda utiliza seus casos clínicos para exemplificar os itens apresentados (HENRIQUES, 2009).

2.4.2 Psychopathy Chelicks (PSL-R)

O PCL-R é composto de 20 itens, considerados sintomas da psicopatia, que podem ser divididos em dois grupos ou fatores derivados estatisticamente. Os sintomas presentes neste instrumento possuem diversas semelhanças com a lista de características apresentadas por Cleckley (HUSS, 2011) e são os seguintes:

- Eloquente e charme superficial;
- Egocentrismo e grandiosidade;
- Necessidade de excitação;
- Mentira patológica;
- Enganação e manipulação;
- Ausência de remorso ou culpa;
- Emoções rasas (respostas emocionais superficiais);
- Insensibilidade e ausência de empatia;
- Estilo de vida parasitário;
- Pouco controle do comportamento;
- Promiscuidade sexual;
- Problemas de comportamento precoces;
- Ausência de objetivos realistas de longo prazo;
- Impulsividade;
- Irresponsabilidade;
- Falha em se responsabilizar pelas próprias ações;
- Muitos relacionamentos maritais de curto prazo;
- Delinquência juvenil;
- Revogação de liberdade condicional;
- Versatilidade criminal.

Cada sintoma pontuado é avaliado em uma escala de 3 pontos variando de 0 a 2. O 0 indica a ausência do sintoma, o 1 indica a possível presença e o 2 indica presença definitiva, desta forma os escores variam de 0 a 40. Esse instrumento pode ser aplicado como variável categórica, indicando ausência ou presença da psicopatia, ou de forma contínua, onde quanto mais pontos maior o grau da síndrome avaliada (HUSS, 2011).

2.4.3. Associação Americana de Psiquiatria (DSM)

Como já explicado, o DSM – V (APA, 2014) apresenta dois modelos de diagnóstico para os transtornos de personalidade. O primeiro modelo consiste na reimpressão dos critérios propostos no DSM - IV - TR, ou seja, indicadores em formato de checklist (HUTZ, 2018). Assim, o TPA é compreendido como “um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade”, e deve apresentar três (ou mais) dos seguintes sintomas:

1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção;
2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaceira para ganho ou prazer pessoal;
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro;
4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
5. Descaso pela segurança de si ou de outros;
6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras;
7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas. (p.659).

Além disto, o indivíduo precisa ter no mínimo 18 anos de idade, ter evidenciado transtorno da conduta antes dos 15 anos e a ocorrência de comportamento antissocial não deve se dar exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

O modelo alternativo, também conhecido como híbrido, engloba tanto a abordagem categórica, no diagnóstico, quanto a dimensional, na avaliação das características. Os transtornos da personalidade caracterizam-se pelo funcionamento da personalidade prejudicado e por traços de personalidade patológicos. Os diagnósticos específicos deste modelo são: transtornos da personalidade antissocial, evitativa, borderline, narcisista, obsessivo-compulsiva e esquizotípica.

A avaliação ocorre a partir de 5 critérios gerais, já listados em tópico anterior e o passo seguinte é a análise dos critérios específicos de cada TP. O DSM - V (2014, p.764-765) traz então uma pequena conceituação do transtorno e lista tais critérios, sendo os concernentes ao Transtorno de Personalidade Antissocial listados a seguir:

Quadro 1

A. Prejuízo moderado ou grave no funcionamento da personalidade, manifestado por dificuldades características em duas ou mais das seguintes quatro áreas:	B. Seis ou mais dos sete traços de personalidade patológicos a seguir:
1. Identidade: Egocentrismo; autoestima derivada de ganho, poder ou prazer pessoal;	1. Manipulação (um aspecto do Antagonismo): Uso freqüente de subterfúgios para influenciar ou controlar outras pessoas; uso de sedução, charme, loquacidade ou insinuação para atingir seus fins;
2. Autodirecionamento: Definição de objetivos baseada na gratificação pessoal; ausência de padrões pró-sociais internos, associada a falha em se adequar ao comportamento lícito ou ao comportamento ético em relação às normas da cultura;	2. Insensibilidade (um aspecto do Antagonismo): Falta de preocupação pelos sentimentos ou problemas dos outros; ausência de culpa ou remorso quanto aos efeitos negativos ou prejudiciais das próprias ações sobre os outros; agressão; sadismo;
3. Empatia: Ausência de preocupação pelos sentimentos, necessidade ou sofrimento das outras pessoas; ausência de remorso após magoar ou tratar mal alguém.	3. Desonestidade (um aspecto do Antagonismo): Desonestidade e fraudulência; representação deturpada de si mesmo; embelezamento ou invenção no relato de fatos;
4. Intimidade: Incapacidade de estabelecer relações mutuamente íntimas, pois a exploração é um meio primário de se relacionar com os outros, incluindo engano e coerção; uso de dominação ou intimidação para controlar outras pessoas.	4. Hostilidade (um aspecto do Antagonismo): Sentimentos de raiva persistentes ou freqüentes; raiva ou irritabilidade em resposta a desprezo e insultos mínimos; comportamento maldoso, grosseiro ou vingativo;
-	5. Exposição a risco (um aspecto da Desinibição): Envolvimento em atividades perigosas, arriscadas e potencialmente prejudiciais de forma desnecessária e sem dar importância às conseqüências; propensão ao tédio e realização de atividades impensadas para contrapor ao tédio; falta de preocupação com as próprias limitações e negação da realidade do perigo pessoal;
-	6. Impulsividade (um aspecto da Desinibição): Ação sob o impulso do momento em resposta a estímulos imediatos; ação de caráter momentâneo sem um plano ou consideração dos

	resultados; dificuldade em estabelecer e seguir planos;
-	7. Irresponsabilidade (um aspecto da Desinibição): Desconsideração por - e falha em honrar - obrigações financeiras e outras obrigações e compromissos; falta de respeito por - e falta de continuidade nas - combinações e promessas.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2019.

2.4.4 Organização Mundial de Saúde - CID 10 e CID - 11

O transtorno de personalidade dissocial abordado na CID-10 (WHO, 2019) é conceituado de forma simples, com características bem gerais como o desprezo das obrigações sociais, a falta de empatia e um desvio entre o comportamento do indivíduo e as normas sociais estabelecidas. Ainda são listadas outras formas de expressão do transtorno:

O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade (WHO, 2019).

Já a nova atualização da classificação (CID-11) que começará a ser utilizada oficialmente em 2020, traz o conceito de “Transtorno de conduta dissocial”:

...é caracterizado por um padrão repetitivo e persistente de comportamentos que violam os direitos básicos dos outros, as leis ou as normas sociais apropriadas para a idade, assim como agressividade com animais e pessoas; destruição de propriedade; engano ou roubo; e sérias violações de regras; O padrão de comportamento é severo ao nível de provocar danos significativos na vida pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional ou em outras áreas importantes de funcionamento. Para ser diagnosticado, o comportamento deve estar presente durante um período significativo (12 meses ou mais). Atos antissociais ou criminais isolados por si mesmos não são suficientes para o diagnóstico. (WHO, 2019)

Percebe-se a ocorrência de algumas mudanças, visto que o transtorno além de não estar mais listado como transtorno de personalidade, também se uniu ao de conduta que antes era independente.

2.5 CARACTERÍSTICAS ANÁLOGAS

Após analisar e fazer um comparativo dos conceitos e critérios trazidos por Cleckley, Hare, pela APA e pela OMS, é possível encontrar várias semelhanças. A OMS é a que mais se afasta das demais concepções, porém tal distanciamento pode ser explicado pelo próprio formato proposto pela CID, que apresenta apenas uma descrição bem geral de cada item, não se aprofundando nas explanações dos mesmos. Enquanto isso, o especialista Cleckley buscou ser o mais minucioso possível ao narrar as características encontradas inclusive em seus estudos de caso.

Ademais, a APA (2014), originalmente, expôs uma série de comportamentos ligados a condutas explícitas, socialmente desviantes e até mesmo criminosas, por serem mais facilmente detectadas e avaliadas do que os traços de personalidade em si. No entanto, ao formular a mais nova edição do DSM, procuraram aproximar os critérios dos traços de personalidade, tirando o foco antes empregado apenas nos comportamentos. Para isso utilizaram a escala de Hare (PCL-R) como base, demonstrando que estariam se referindo ao mesmo construto.

Em síntese, ao unir os critérios, definições e/ou características desses principais conceitos expostos, o perfil ou a personalidade dessas pessoas tidas como psicopatas seria o seguinte: alguém que apresentou problemas de comportamento/conduita desde cedo (infância/adolescência), tais comportamentos não estariam ligados a outros transtornos psicológicos; impulsividade, ausência de autocontrole, irresponsabilidade, desprezo pelas obrigações, descaso pela segurança de si e dos outros, padrão de violação de direitos alheios e normas, eloquência, egocentrismo, arrogância, superficialidade, falsidade, manipulação, insensibilidade, falta de empatia, cinismo, falta de remorso, fracasso em fazer planos para o futuro, emoções rasas, irritabilidade e agressividade; vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada, necessidade de excitação e estilo de vida parasitário.

2.6 DILEMAS TEÓRICOS

Quando estuda-se a condição humana e seus desdobramentos — personalidade e transtornos de personalidade por exemplo — é inevitável deparar-se com alguns dilemas básicos que vêm sendo discutidos desde os primórdios e são responsáveis por nortear os pensamentos teóricos acerca de um tema. Determinismo versus livre-arbítrio, pessimismo versus otimismo, causalidade versus teleologia, determinantes conscientes versus inconscientes do comportamento, influências biológicas versus sociais e singularidade versus semelhanças são os principais pontos de discussão que surgem ao debruçar-se sobre a investigação do homem (FEIST, FEIST & ROBERTS, 2015).

Enquanto uma teoria propõe que o homem está sempre buscando o prazer e evitando a dor, outra afirma que somos determinados por nossos genes. Já um teórico pode postular que é o futuro que molda o comportamento humano e não o passado (PERVIN & JOHN, 2008).

Da mesma forma ocorre com a psicopatia, alguns teóricos acreditam em uma origem resultante de fatores genéticos ou biológicos, outros afirmam ser uma construção social/ambiental, e existem aqueles que permanecem no meio termo, defendem que a personalidade antissocial seria uma combinação de fatores biológicos e ambientais (HARE, 2013).

2.7 FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

2.7.1 Fenomenologia

Fenomenologia como termo, tem sua criação, propriamente dita, no século XVIII pelo então filósofo J.H. Lambert, representando o estudo do fenômeno tal qual se apresenta à nossa experiência, de forma puramente descritiva. Apenas no século XX é que Edmund Husserl apresenta-a como uma corrente filosófica que objetivava o estabelecimento de um método que fundamentasse a filosofia como ciência (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2011).

De acordo com Tenório (2011) a aplicação do método fenomenológico, exige a vontade de ater-se aos fenômenos mesmos, sem qualquer pressuposto ou ideia preconcebida. O ponto central é a experiência vivida, consiste em captar a manifestação do acontecer

existencial pelo próprio sujeito. Os fenômenos precisam falar por si mesmos sem serem encaixados imediatamente em uma teoria prévia (ROMERO, 1997).

Nesta mesma perspectiva, Heidegger apud Luijpen (1973, p. 174, nota 348) conclui que “o rigor da ciência matemática é a exatidão [...] ao contrário, todas as ciências do espírito e até todas as ciências do ser vivo para permanecerem rigorosas, precisam justamente ser inexatas”. Pois não há sentido em encaixar o ser humano, com sua existência tão plural, em métodos exatos que apenas irão limitar a visão e compreensão deste homem.

É por isto que Karl Jaspers, ao desenvolver a Psicopatologia Fenomenológica, buscando um método para compreender o sintoma subjetivo de forma científica, recorreu ao método fenomenológico proposto por Husserl (MOREIRA, 2011). Na tentativa de atingir seu objetivo Jaspers concluiu que o foco da psicopatologia fenomenológica estaria nas vivências subjetivas e conscientes. Também afirmou que tal método não visa construir explicações teóricas para eventos psicológicos, os fenômenos são suspensos e não há preocupação com as suas origens e consequências (CHENIAUX, 2018).

O procedimento de colocar em suspenso se refere a redução fenomenológica proposta por Husserl, que consiste em se despir das teorias e prejulgamentos concentrando a atenção nas coisas mesmas. Em seguida, faz-se a chamada redução eidética, ao direcionar-se para as essências ao invés dos objetos. Finaliza-se o processo com a redução transcendental, que irá ocorrer quando as essências e os objetos forem englobados pela consciência, e esta considerá-los como fenômenos (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2011).

Além de Jaspers, outros pensadores aplicaram este mesmo método e embora não tenha sido o único utilizado pelos existencialistas, foi com certeza um dos mais marcantes.

2.7.2 Existencialismo

O existencialismo se originou da própria fenomenologia em meados do século XX, postulando que se uma pessoa é livre para escolher, é também totalmente responsável por suas ações a partir do que escolheu, assim “não pode desculpar-se delas alegando compulsão, nem tentar impingir os valores que informam suas escolhas como qualquer outra coisa além de seus próprios comprometimentos” (BLACKWELL, 2012).

Portanto, a existência, que é identificada como o exercício dessa liberdade do homem, precede a essência, porque não há uma “natureza humana” ou valores predeterminados a serem seguidos, são os próprios homens que criam seus valores com consciência e com liberdade ao fazer suas escolhas a todo momento (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2011).

Seguindo esse pensamento, Sartre (1970) afirma que o homem “existe antes de poder ser definido por qualquer conceito”, ele é aquilo que faz de si mesmo no percurso de sua existência, com efeito:

...o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (p.5).

Para atingir esse objetivo a pessoa precisaria reconhecer a “facticidade”, ou seja, aquelas realidades que são externas mas agem sobre ele, e apesar disso compreender que a consciência dele é independente dessa facticidade (KLEINMAN, 2014). Deste modo, entende-se a escolha sempre como uma escolha numa situação determinada, porém tal situação não determina o homem, visto que ele é aquilo que faz diante do que lhe é posto (SARTRE, 1987).

Um aspecto fundamental que precisa ser reconhecido é a morte, ou seja, a finitude. Segundo Marcondes (2009):

...o homem é também um ser marcado pela consciência da morte e da finitude, o “único animal que sabe que vai morrer”, e por isso, ao buscar essa identidade absoluta, está condenado ao fracasso. Portanto, a existência humana é, em última instância, absurda, sem sentido. Resta ao homem, assim, apenas a liberdade, e é esta a fonte principal de sua angústia. “Somos condenados a ser livres”, diz Sartre. Os homens alienados recusam essa liberdade porque a temem, temem confrontar o vazio de sua própria existência porque não assumem os riscos e desafios que ela envolve. Porém, o homem autêntico realizará o seu próprio projeto, dando assim sentido à sua existência. (p.144).

Essa consciência da morte a qual o autor se refere, ou seja, a consciência da finitude é que traz sentido a sua existência, por limitar e singularizar a vida de cada sujeito. Nesta condição o homem possui dignidade, por não ser visto apenas como objeto, mas sim um ser que constrói sua própria vivência a todo momento (SARTRE, 1987).

Em suma, tais aspectos como a liberdade, a consciência e a auto-reflexão “são o que distingue os seres humanos dos outros animais” e “cada pessoa é responsável pelas escolhas, pela ação, por ser autêntica ou por agir de má fé” (PERVIN & JOHN, 2008).

2.7.3 Fenomenologia & Existencialismo

Em determinado momento aconteceu a união dessas duas correntes, principalmente por parte de existencialistas que aderiram a fenomenologia como método adequado para a compreensão do homem como ele se mostra em sua existência. Tal movimento é explicado por Barreto (2014): “enquanto a metafísica está preocupada com a forma lógica do ser do homem, a fenomenologia se atém aos modos infundáveis de ser”.

Por conseguinte, Feist, Feist & Roberts (2015) afirmam que os existencialistas são antiteóricos, pois as teorias transformam as pessoas em objetos, desumanizando-as. Isso ocorre porque quando se molda a experiência a um modelo teórico preexistente a autenticidade é perdida no processo. Visto que o método fenomenológico, como forma de compreensão do homem, ocorre por meio da descrição das vivências por parte do próprio sujeito e sem pré-conceitos, neste método a violação da existência não acontece.

Merleau-Ponty (1973) completa este pensamento ao declarar que a associação do extremo subjetivismo com o extremo objetivismo foi a maior descoberta da fenomenologia, por permitir traçar caminhos para a compreensão da experiência humana respeitando a sua real complexidade e fazendo-a emergir espontaneamente na consciência.

Pode-se então compreender que essa abordagem fenomenológico-existencial não surge com o objetivo de enquadrar as pessoas em caracterizações e parâmetros que foram teorizados de forma arbitrária. Diferentemente disto, ela pressupõe que a vivência é a própria explicação e a melhor intérprete da sua existência é a própria pessoa que existe. Portanto, o processo consiste em apreender o mundo vivencial daquele ser, respeitando sua totalidade e suspendendo todos os pressupostos, visão de mundo e conceitos possíveis (TENÓRIO, 2003).

No pensamento formulado por Dutra (2013) conclui-se que a escolha da fenomenologia existencial implica um olhar diferenciado sobre os entes e o mundo. Um olhar que ao não aceitar as verdades e os rótulos instituídos de forma passiva, identificando e explicitando o modo de existir de cada sujeito em sua relação com os outros e com o mundo em determinado momento.

3 DISCUSSÃO

Com base no exposto, qual o passo inicial para fazer esta relação entre a psicopatologia e a visão de mundo fenomenológico-existencial? Nos tópicos anteriores foram apresentadas os conceitos de personalidade, transtornos de personalidade e das diversas compreensões acerca

da psicopatia, porém ao expor os ideais fenomenológicas e existenciais solicita-se que as teorias e preconcepções sejam postas em parêntese (tanto quanto for humanamente possível) ao se propor analisar o homem em sua existência.

A fim de seguir por este caminho da maneira mais fiel possível, serão analisadas as falas e vivências de dois dos maiores serial killers da história, que são considerados personalidades psicopáticas. Eles foram escolhidos por terem um vasto material disponível, inclusive entrevistas que proporcionam um contato mais autêntico com as vivências dos mesmos. As informações foram coletadas da obra “Arquivos serial killers” da autora Ilana Casoy (2017).

Theodore Robert Bundy, conhecido por sua beleza e charme, após viver anos como “cidadão exemplar” foi condenado por inúmeros assassinatos, tentou se defender em plena corte e foi executado ainda guardando várias informações sobre seus crimes. Chegou a declarar a icônica frase “nós, serial killers, somos seus filhos, seus maridos, estamos em toda parte”.

Edmund Emil Kemper III, com seus mais de 2 metros de altura e aparência cordial, chegou a sentar à mesa do bar com policiais enquanto debatiam os crimes praticados por ele, que incluía o assassinato dos avós, de diversas colegas e por fim, de sua mãe. Diferentemente de Bundy, Kemper se entregou e até os dias de hoje dá entrevistas e colabora com o FBI, sendo também um preso exemplar. Ao comentar friamente sobre seus assassinatos ele explicou “Se eu as matasse, você sabe, elas não poderiam me rejeitar como homem. Isto é mais ou menos produzir uma boneca a partir de um ser humano...e levar adiante minhas fantasias com uma boneca, uma boneca humana”.

Quando se compara a vida desses dois notórios serial killers, encontram-se muitas semelhanças que poderiam ser utilizados por alguns teóricos para corroborar com seus ideias. Ambos tiveram uma infância conturbada, embora cada não idênticas. Eram inteligentes, articulados, e escondiam por trás de uma máscara de simpatia, desejos um tanto obscuros. Utilizaram da aparência que possuíam para ganhar a confiança de suas vítimas, e falavam/fala de forma fria a respeito dos atos violentos que praticaram.

Todavia, essas duas pessoas que foram encaixadas num mesmo grupo e atingiram altos escores nos testes de psicopatia tiveram destinos completamente diferentes. Ted debochou de suas vítimas e foi para túmulo sem revelar muitos detalhes sobre seus crimes. Em contrapartida Ed além de ter se entregado para a polícia, comenta, ainda que friamente, sobre seus homicídios mas vem ajudado diversos pesquisadores e investigadores com suas informações, também utiliza parte de seu tempo livre na prisão traduzindo livros para o braile e gravando audiobooks para deficientes auditivos.

Os fundadores das diversas teorias que tentam explicar a existência humana, podem argumentar com pressupostos variados, até mesmo lógicos, mas a realidade que não pode ser negada é a da imprevisibilidade da existência humana. É essa particularidade que torna o homem, homem. É a liberdade de escolha que dá sentido à vida.

Portanto, ao olhar para um indivíduo já estando pautado de pressuposições o resultado é o de faticamente, limitar a expressão de sua existência.

O também serial killer Dr. H. H. Holmes certa vez declarou:

Eu não pude impedir o fato de ser um assassino, não mais que um poeta consegue impedir a inspiração para cantar. Eu nasci com o mal sendo meu patrocinador ao lado da cama onde fui ‘cuspido’ para dentro do mundo, e ele tem estado comigo desde então (CASOY, 2017.p.253).

Ele se enxergava como um ser sem escolha, preso a um destino desde de seu nascimento, mas será que estava mesmo? A consciência de si como sujeito, e a liberdade de construir a própria existência são características próprias dos homens, apenas animais e

objetos estão presos aos determinantes do mundo. Talvez o que homens como Bundy e Holmes precisavam, era um trabalho focado em despertar essa percepção de si como livre e responsável e não serem vistos como seres imutáveis e condenados.

Alguns podem questionar que ao fazer comparações entre indivíduos, comete-se justamente o erro que procura-se evitar, visto que não se deve comparar existências que são essencialmente singulares. No entanto, a comparação aqui realizada visou justamente evidenciar tal singularidade.

Fugindo rapidamente da proposta de colocar entre parênteses as suposições, lembra-se que a personalidade psicopática é caracterizada pela falta de empatia, remorso, vergonha ou qualquer tipo de preocupação com o outro. Tal padrão pode ser observado quando examina-se os comportamentos e falas dos sujeitos citados anteriormente, principalmente através da agressividade/violência e a frieza com que são descritas. A partir disso pode-se observar a ausência de um dos temas existenciais propostos por Kierkegaard evidenciado por Gonçalves (2018): a angústia. O existencialismo evidencia que é necessário experienciar esse sentimento para adquirir consciência de si. Portanto a ausência da angústia representa a negligência de si, do humano.

Completando o pensamento anterior, essa consciência também necessita de uma relação autêntica com o outro, ao negar a responsabilidade que se tem do outro, tratam os demais como objetos. Assim, no pensamento sartreano, estão escolhendo pelo outro, ao negar sua condição de sujeito, e além disso realizam essa escolha sem reconhecer a responsabilidade que tem por ela. Desta forma, o ato de violência praticado por negar a condição de sujeito do outro pode ser até considerado como mais grave que a violência demonstrada em seus atos de agressividade em si.

Basicamente o que se pode atestar é uma troca de liberdade por liberalidade, e como consequência uma mentira para si mesmo. Faz-se tudo o que se quer sem se responsabilizar pelo que faz. Muitas vezes esse tipo de vivência é considerada liberdade, o estado mais puro dela, visto que pode-se (supostamente) ser qualquer coisa, sem se preocupar com o outro, pensando apenas em si, porém tal pensamento é equivocado. Isso ocorre porque a partir do momento que se enxerga o outro como objeto ao não se responsabilizar por ele, concomitantemente a esta atitude, aquele indivíduo está se vendo também como objeto. Não existe liberdade sem responsabilidade, e não existe humanidade sem liberdade.

4 CONCLUSÃO

Em suma o trabalho procurou oferecer uma visão um pouco diferente em relação a psicopatia e estes sujeitos que recebem o rótulo de psicopatas sem possibilidade de mudança. Foi apresentado os contextos teóricos pelos quais esse construto vem sendo estudado há décadas.

No entanto, é importante esclarecer que não foi o intuito do estudo negar a relevância de tais pesquisas e investigações, assim como a criação de teorias, pois é evidente que possuem seu valor e utilidade prática. Apenas quis-se enfatizar que não se deve perder de vista a singularidade ao construir rótulos e classificações limitantes.

O ser humano cria teorias na tentativa de possuir algum controle sobre a vida, visto que a liberdade e singularidade da existência a faz imprevisível, e tal imprevisibilidade o desespera. Apesar disso, tais aspectos pertencentes ao curso da vida devem ser abraçados para que a autenticidade do homem não seja esquecida.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtorno: DSM 5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARLOW, David H. **Psicopatologia : uma abordagem integrada.** São Paulo: Cengage Learning, 2015.

BECK, Aaron T.; DENISE, D. Davis; FREEMAN, Arthur. **Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade.** Porto Alegre : Artmed, 2017.

BLACKWELL, Basil. **Dicionário do pensamento social do século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.

CASOY, Ilana. **Arquivos serial killers: Louco ou cruel? e Made in Brazil.** Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

CHENIAUX, Elie Junior. **Manual de psicopatologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

DUTRA, Elza. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Rev. abordagem gestalt.** vol.19 no.2. Goiânia: dez. 2013.

DUTTON, Kevin. **A sabedoria dos psicopatas: o que santos, espões e serial killers podem ensinar sobre o sucesso.** Rio de Janeiro: Record, 2018.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da personalidade.** Porto Alegre: AMGH, 2015.

GONZAGA, Christiano. **Manual de Criminologia.** São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

HALL, Calvin; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade.** Porto Alegre : Artmed, 2007.

HARE, Robert D. **Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcell. **Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade.** Porto Alegre : Artmed, 2018.

HUSS, Matthew T. **Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

KEMPER III, Edmund E. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (6:17 min). Publicado pelo canal **Kenny Wilbur**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0XSH7MhFY38>. Acesso em: 10 nov. 2019.

KLEINMAN, Paul. **Tudo que você precisa saber sobre filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

LUIJPEN, W. (1973). **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo: EPU. - p. 174, nota 348.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a história da filosofia, Dos pré-socráticos a Wittgenstein** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007.

_____, Danilo. **Textos básicos de filosofia, Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.

MAZER, Angela K.; MACEDO, Brisa Burgos D.; JURUENA, Mário Francisco. Transtornos de personalidade. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**. São Paulo - V. 50 N. SUPL.1 (2017). Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v50isupl1.p85-97>>. Acesso em: 23 de Ago. de 2019.

NETO, Mario Rodrigues Louzã; CORDÁS, Taki. [et al.]. **Transtornos da personalidade**. Porto Alegre : Artmed, 2011.

Organização Mundial de Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. Disponível em: <CID-10<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>> Acesso em: 21 de ago. de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril cultural, 1987.

SCHULTZ, Duane P.; SHULTZ, Ellen. **Teorias da personalidade**. São Paulo, SP : Cengage Learning, 2015.

PERVIN, Lawrence A.; JOHN, Oliver P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PESSIN, Andrew. **Filosofia em 60 segundos**. São Paulo: Leya, 2012.

TENÓRIO. Carlene Maria Dias. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica–existencial. **Universitas Ciências da Saúde**. Brasília - vol.01 n.01 - pp. 31-44. 2003. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5102/ucs.v1i1.493>>. Acesso em: 21 de ago. de 2019.

WHO, 2019. **ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics**. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en>>. Acesso em: 30 de ago. De 2019.